



VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 27ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, aqui vai aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



*No pé da escadaria principal do CCJF, autoridades e curadores abrem a exposição **Coleção Ingá: Brasil plural***

Com obras de Di Cavalcanti, Portinari, Tarsila e Mestre Guarany, CCJF e FUNARJ abrem exposição que celebra a rica identidade cultural brasileira

No dia 7 de julho, na escadaria principal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** — com a aprovação da Têmis, deusa da Justiça, reproduzida no enorme vitral ao fundo —, o grupo Madrigal do Vila, da Escola de Música Villa-Lobos, lindamente, dava as boas-vindas à nova exposição *Coleção Ingá: Brasil plural*, que ocupa todos os espaços expositivos do CCJF até o dia 27 de setembro. A mostra, com curadoria de Marcus Lontra e Rafael Peixoto, é o primeiro fruto da parceria entre o Centro

Cinelândia - Cinema na Rua: Papagaios



Em agosto, o projeto *Cinelândia - Cinema na Rua* leva para a Pedro Lessa mais uma sessão de filme. Dessa vez, a curadoria selecionou o longa-metragem *Papagaios* para o cinema a céu aberto da próxima terça-feira, dia 18.

A trama se passa na periferia do Rio de Janeiro, e acompanha Tunico e Beto. O primeiro é uma subcelebridade, representante dos conhecidos "papagaios de pirata" — figuras que perseguem repórteres no intuito de aparecer na TV a qualquer custo. O segundo, por sua vez, é apenas mais um jovem que sonha em ser visto. Após um grave acidente em um parque de diversões da cidade, o caminho dos dois se cruza e o misterioso Beto vira aprendiz de Tunico. A relação dos dois coloca

Cultural e a Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro (Funarj). Ela reúne uma seleção de cerca de 200 obras do acervo de mais de 10 mil itens do Museu do Ingá, em Niterói. São pinturas, esculturas, gravuras e objetos que passeiam por obras do século XIX e XX e incluem nomes fundamentais da arte brasileira, entre eles, Alfredo Volpi, Tarsila do Amaral, Oswaldo Goeldi, Emiliano Di Cavalcanti, Cândido Portinari, Emeric Marcier e Mestre Guarany que, juntos, representam a pluralidade da criatividade e diversidade da arte brasileira.

Ao abrir o evento, o desembargador federal Theophilo Antonio Miguel Filho, diretor-geral do CCJF, saudou a todos os presentes, entre eles o governador interino do estado do Rio de Janeiro, Ricardo Couto de Castro, e destacou o momento ímpar de celebrar a abertura de “uma exposição extraordinária”, com grandes nomes da arte brasileira. “É especialmente significativo celebrar o jubileu de prata do CCJF, um prédio que por décadas abrigou o Supremo Tribunal Federal, e que há 25 anos encontrou na cultura uma nova vocação, preservando sua história e ampliando o seu compromisso com a sociedade. E para coroar as bodas de prata dessa trajetória tão rica para as artes, temos a honra de acolher a *Coleção Ingá*. Trazê-la de Niterói para o coração da Cinelândia, promover o encontro profundo com a nossa própria identidade fluminense e brasileira”, destacou. Para ele, uma coleção como a do Museu Ingá não é feita de objetos estáticos, mas sim de histórias, “de memórias contadas e de um patrimônio que pertence a cada um de nós. Ver essas obras dialogando com a arquitetura deste edifício, com a história de um quarto de século do Centro Cultural Justiça Federal nos lembra que a arte preserva memória, aproxima pessoas, fortalece a cidadania e contribui para uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva”.

Danielle Barros, secretária de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, também celebrou a noite memorável para a cultura carioca. “Quando uma porta de cultura se abre, se abre um movimento muito importante como de democratização do acesso à arte, onde expomos o que temos de mais especial que é, de fato, a nossa identidade refletida em um acervo público do estado do Rio de Janeiro oferecido para toda a população”, comemorou. Para ela, ser recebida pelas carrancas do Mestre Guarany – expostas no hall de entrada do CCJF – trouxe a certeza de que o que será visto nas galerias será grandioso e ficará registrado nas memórias e corações dos visitantes. “O estado do Rio de Janeiro possui um acervo gigante e poucas vezes nós conseguimos demonstrar todo o potencial desse acervo como estamos fazendo aqui no Centro Cultural Justiça Federal. Então, de fato, para nós é um grande privilégio”, concluiu.

Jackson Emerick, presidente da Funarj, agradeceu a oportunidade de levar o acervo do Museu Ingá para além muros, uma alegria apesar dos desafios. “Era um desejo grande de nossos técnicos e museólogos que pudéssemos levar o nosso acervo para fora do equipamento, isso vinha sendo estudado. Por isso, quando recebemos a convocação foi um misto de receio, pela nova experiência, mas um grande desafio para a Fundação. Foi uma luta tirar isso do papel, houveram grandes desdobramentos para que pudéssemos estar aqui nesta noite. Fica aqui minha gratidão a todos os funcionários da Funarj, Dr. Theophilo, a equipe se uniu para tornar esse projeto tão especial”, disse.

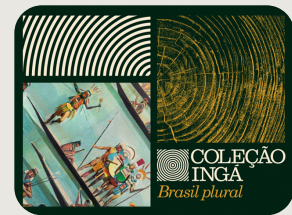
em jogo as consequências da busca desenfreada pela fama.

É só chegar, vem conferir!

O evento será adiado em caso de chuva.

.....

Visitas mediadas a exposição *Coleção Ingá: Brasil Plural*, incluindo a acessível



A exposição *Coleção Ingá: Brasil plural*, que fica no CCJF até 27 de setembro, foi concebida para ampliar o acesso à cultura e proporcionar uma experiência acolhedora para todos os públicos.

Como parte da parceria entre o Centro Cultural Justiça Federal e a FUNARJ, além das visitas mediadas tradicionais – que podem ser agendadas [aqui](#) – são oferecidas visitas mediadas acessíveis, desenvolvidas para garantir uma experiência cultural mais inclusiva às pessoas com deficiência, especialmente ao público surdo, por meio de mediação em Libras e estratégias de comunicação acessível.

Durante a visita, os participantes são convidados a explorar os conteúdos da exposição de forma interativa, em um ambiente que valoriza o diálogo, a troca de experiências e o direito de todos ao patrimônio cultural.

As visitas acessíveis, no âmbito do *Programa Arte*



Em uma das galerias do CCJF, o grande políptico Carybé traz a importância dos povos originários para o Brasil

Mais sobre a mostra — A rica seleção origina-se da reunião de obras de oito acervos de diferentes fontes e naturezas, dentre elas a antiga *Coleção Banerj*, e revela-se como uma importante ferramenta de conscientização das inúmeras matrizes culturais que compõem a identidade do Brasil. São artefatos dos povos originários, registros de artistas viajantes, experimentações modernas, expressões de matrizes populares, registros de sincretismos e resistências. A proposta do projeto é apresentar uma nova identidade para esse grande acervo. De acordo com os curadores, a mostra reforça ainda o entendimento do papel transformador da arte como ferramenta capaz de ampliar percepções, transformar paradigmas e estabelecer novas conexões entre os indivíduos e a sociedade. “Trata-se de um acervo valioso, patrimônio do povo fluminense, e a curadoria buscou uma abordagem temática valorizando diversas escolas, técnicas e períodos artísticos. Assim, arte clássica e arte moderna convivem e estabelecem diálogos curiosos e sensíveis entre tempos e olhares que acentuam a atemporalidade da ação artística”, destaca Lontra.

Sob a ótica da diversidade como inspiração principal, a *Coleção Ingá: Brasil plural* organiza-se por meio de seis núcleos que ocupam todos os andares abertos ao público do CCJF: *O Convívio da Fé, Essa Gente Brasileira, Matriz Popular, Matriz Expandida, Imagens Cotidianas da História e A Paisagem através dos Tempos*. Entre os destaques, estão as obras *Brasil em 4 fases*, de Di Cavalcanti, e o conjunto de quadros *Embarcações com Índios*, de Carybé. “Por ter sido formada ao longo de décadas, essa exposição reúne uma variedade de expressões e produções que nos inspiraram a fazer esse recorte curatorial que celebra a nossa pluralidade.

No Brasil, muitas vezes, os acervos públicos ou em comodato em dispositivos culturais são tratados como uma pedra no sapato, quando na verdade eles representam não só um patrimônio do povo, mas também a possibilidade da população de ter acesso à arte, à cultura e ao pensamento brasileiro”, pontua Peixoto. Para ele, reconhecer e tornar pública a relevância da *Coleção Ingá*, entre tantas outras, é também reafirmar a importância do papel transformador da arte em realidades, identidades, pertencimentos e no estímulo de práticas de cidadania.

e *Cultura Para Todos*, da FUNARJ, podem ser agendadas por escolas, instituições, associações, universidades e demais grupos interessados, fortalecendo o compromisso das instituições com a democratização do acesso à cultura e a construção de espaços cada vez mais inclusivos. Interessados, [clique aqui](#).

Agende sua visita e venha conhecer a mostra de uma forma mais rica!

Na Sala de Sessões, cerimônia inédita de entrega da carteira da OABRJ, encaminha à sociedade promissores advogados(as)



Na tarde do dia 29 de julho, a Sala de Sessões, envolta de um ar de renovo e emoção, foi cenário de momentos especiais. O emblemático local histórico, que até 1960 abrigava o Supremo Tribunal Federal (STF), testemunhou a entrega das carteiras da *Ordem dos Advogados do Brasil — seccional Rio de Janeiro (OABRJ)*, aos novos advogados. A cédula de identidade profissional comprova a aprovação no *Exame de Ordem* e o registro regular nos quadros da instituição. Essa foi a 1ª vez que a cerimônia aconteceu fora da OABRJ.

De acordo com o desembargador federal Theophilo Miguel Filho, diretor-geral do Centro

A mostra *Coleção Ingá: Brasil plural* é gratuita e para todos. O CCJF funciona de **terça e domingo, das 11h às 19h**. Venha conferir!



Espectáculo inspirado em Clarice Lispector levou reflexões sobre o universo feminino ao palco do CCJF

O Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu, do dia 3 ao dia 26 de julho, o espetáculo *Se Eu Fosse Eu - Clarices*, inspirado em contos de Clarice Lispector. A montagem propôs uma imersão poética e sensível em diferentes dimensões da experiência feminina, abordando temas como identidade, maternidade, desejo, espiritualidade e autoconhecimento por meio de uma linguagem simbólica marcada por imagens, metáforas e reflexões existenciais.

A partir de fragmentos da obra de Clarice Lispector, a peça teatral apresentou três atrizes em cena que, em diferentes momentos, pareciam representar distintas facetas de uma mesma mulher. Em um palco transformado em cozinha, elementos cotidianos ganharam força simbólica e conduziram o público por uma sucessão de questionamentos sobre os conflitos, os desejos e as transformações que atravessam a experiência feminina.

Idealizado e interpretado por Camila Guerra, Juliana Drummond e Rosanna Viegas, *Se Eu Fosse Eu - Clarices* foi indicado ao Prêmio Sesc + Cultura 2024 nas categorias *Direção Destaque* e *Atriz Destaque*.

Artiom, russo que vive no Brasil há pouco mais de um ano, foi um dos espectadores da peça que ficou em cartaz no CCJF. Descobrimo o teatro e a cultura brasileira, ele contou que a peça lhe proporcionou um olhar sobre sentimentos, conflitos e o cotidiano feminino retratados em cena. Para ele, a experiência também contribuiu para compreender aspectos da cultura brasileira. "Vi três mulheres que pareciam representar três lados de uma mesma mulher. Para um homem estrangeiro, foi muito interessante conhecer esse universo, seus sentimentos, conflitos e cotidiano. Acho que todo homem deveria assistir para aprender", ressaltou.

Cultural Justiça Federal (CCJF), considerando a simbologia que a Sala de Sessões carrega para a justiça e a democracia do país, um espaço que sediou a 4ª instalação da Suprema Corte brasileira e que refletiu o crescimento e a complexidade das demandas jurídicas daquele tempo, melhor local não haveria para o evento.

Na abertura da cerimônia, que contou com um público, prioritariamente, de familiares e colegas dos novos advogados, Dr. Theophilo Miguel agradeceu a todos, especialmente os homenageados, pais e as autoridades que prestigiaram o momento, destacando o papel essencial da advocacia para sociedade e ressaltando que, "sem o advogado, não há a justa e efetiva entrega da prestação jurisdicional."

Compuseram a mesa da cerimônia, além do próprio Dr. Theophilo Miguel Filho, Dra. Ana Teresa Basilio, presidente da OABRJ, Dra. Ana Cristina Dib Miguel, desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ), Dra. Sylvia Drummond, vice-presidente da OABRJ e a paraninfa Dra. Maria Adélia Campelo, advogada civilista, especializada em Direito de Família e Sucessões.

A história do CCJF: agende sua visita!



Ao reunir diferentes vozes femininas em uma narrativa não linear, o espetáculo proporcionou ao público uma experiência marcada por simbolismos e múltiplas possibilidades de interpretação, despertando reflexões que ultrapassaram os limites do palco.



No Cinelândia - Cinema na Rua de julho, Baby do Brasil conversa com o público sobre documentário que mergulha na metamorfose artística e espiritual da cantora

A céu aberto, sob a luz da lua e das estrelas e com ocupação máxima, o projeto *Cinelândia - Cinema na Rua*, realizado pelo Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), em parceria com a Banca do André e a ASPAC - Associação dos Servidores Públicos da ANCINE, exibiu na terça-feira, dia 28 de julho, na Rua Pedro Lessa, Centro do Rio, o documentário *A popcalipse segundo Baby*. Gratuito e parte da programação do FID:RIO - Festival Internacional de Artes e Cinema do Rio de Janeiro, o filme percorre a trajetória da artista, desde a experiência pós-tropicalista com os *Novos Baianos*, passando pela carreira solo como Baby Consuelo, até a fase marcada pela espiritualidade e pela performance da "Janes Joplin latina". "É um documentário incrível porque ele foi fidelíssimo à minha trajetória, desde quando eu fugi de casa, passando por toda a fase dos 'Novos Baianos' até os dias de hoje. Foram 18 anos me filmando. O que mais me tocou foi a sensibilidade do diretor de não alterar nada. Não tem ficção, é Baby purinha, é Baby sendo Baby", disse a cantora.

Antes da sessão, os visitantes foram recebidos, no hall de entrada, pela artista Vivian La Vivi, que cantou sucessos da cantora Baby do Brasil. Ao final, ela e Baby, que havia acabado de chegar, fizeram um dueto de emocionar cantando *Telúrica*, um dos maiores sucessos da carreira solo da cantora, lançado no aclamado álbum de 1981, *Canceriana Telúrica*.

O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

O serviço de visita orientada é gratuito e o agendamento pode ser feito da seguinte maneira:
para até 10 pessoas
[clique aqui](#)

Já para grupos de até 40 pessoas pelo e-mail:
visitas.ccjf@trf2.jus.br



Refúgio para a mente, olhos e ouvidos no coração do Centro do Rio



Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar



Vivian la Vivi e seu guitarrista e Baby cantaram juntos no hall do CCJF antes da exibição do filme em homenagem a artista

Mais sobre o filme — Dirigido por Rafael Saar e sob a ótica da própria Baby, a história narra uma viagem em primeira pessoa pela trajetória da cantora desde os anos 1960. A partir da pluralidade transgressora da artista, o documentário caminha pela liberdade dos *Novos Baianos* — um dos grupos mais emblemáticos e revolucionários da MPB, formado em 1969 que, originalmente, incluía Moraes Moreira, Baby do Brasil (então Baby Consuelo), Pepeu Gomes, Luiz Galvão e Paulinho Boca de Cantor — ao brilho da carreira solo, do espírito hippie ao pop multicolorido, de Janis Joplin a Ademilde Fonseca. A trama também destaca a revelação da versatilidade rítmica e musical, e da ousadia de um ícone da contracultura brasileira.

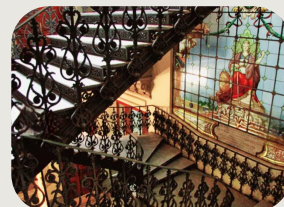
Na abertura do documentário, Baby do Brasil destacou a alegria em poder participar de um projeto como o *Cinelândia Cinema na Rua*, de incentivo ao cinema a céu aberto e popular. “Tenho um carinho especial por projetos assim, parabéns aos organizadores. Eu fiquei muito feliz, vim de SP para prestigiar, até sugeri que pudéssemos ter isso em outros lugares do Brasil inteiro de cinema ao ar livre e gratuito”, ressaltou. Durante o filme, que soube retratar bem as nuances da carreira e vida da cantora, o público se emocionou, deu risadas e aplaudiu diversas cenas, uma delas foi quando Baby, no início da carreira, cantou e dançou a música *A menina dança* (1972), de forma leve e, ainda assim, potente.

Logo após o documentário, a artista e o diretor, Saar, bateram um papo informal com o receptivo público presente sobre o documentário, vida e a carreira da artista que quebrou muitos padrões, à época, e revolucionou defendendo a contracultura — movimento de contestação aos valores morais, estéticos e políticos tradicionais, marcados especialmente pelo Movimento Tropicalista, pela MPB experimental e pelas artes visuais transgressoras que ganhou força nas décadas de 1960 e 1970. Entre os assuntos abordados, eles contaram um pouco sobre como foi o processo de produção — pesquisa, roteiro e filmagem — de *Apocalipse segundo Baby* que durou 18 anos para ser finalizado. “Tivemos muita dificuldade para conseguir financiamento para a produção do filme. Em 2018, conseguimos esse patrocínio e depois entrou o Canal Brasil. Acho que a dificuldade de acesso aos recursos foi fundamental para que

horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca está aberta ao público de **terça a sexta**, das 12h às 17h, exceto no recesso judiciário e feriados.

Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

Curiosidades do CCJF: você sabia?

esse processo ser tão longo, é um obstáculo mas também um ponto forte pois serviu para construir uma relação de confiança com a Baby, eu e todos da equipe. Mantivemos a ideia firme de não desistir do processo, é um material muito rico, uma vida incrível e não podia decepcionar a confiança que ela tinha em nós”, explicou Saar. Baby concorda e avalia que isso foi uma das razões que fizeram com que o documentário superasse as expectativas. “Foi tudo no momento certo, na hora certa, no tempo certo de Deus e sem carência, que é uma delícia”, frisou.



Você sabia que as portas de entrada do CCJF escondem um mistério centenário?

Em 2007, durante um trabalho de restauração nas históricas portas que emolduram a entrada principal do CCJF, foi feita uma descoberta curiosa: algumas das esculturas localizadas na parte superior das portas possuem compartimentos internos ocultos, um detalhe que permaneceu escondido por décadas. A origem desses espaços ainda desperta diferentes interpretações. Uma das hipóteses é que eles tenham sido criados para reduzir o peso das esculturas, facilitando sua instalação. Outra sugere que esses compartimentos poderiam ter sido utilizados para esconder objetos de contrabando, prática registrada em diferentes períodos da história.

Independentemente da explicação, a descoberta revela como um edifício inaugurado em 1909 preserva detalhes capazes de surpreender. Com mais de um século de história, o CCJF continua revelando curiosidades que enriquecem seu patrimônio e tornam sua trajetória ainda mais fascinante.



Público lotou a sessão do Cinelândia Cinema na Rua para assistir Apocalipse segundo Baby e participou, após o filme, de bate papo com a cantora e diretor do documentário



Na foto, o homenageado Alberto Pucheu (sentado, ao centro), os convidados Cláudio Oliveira, Caio Meira e Cris Mayrink, o mediador do encontro, Paulo

***Ocupação Poética* homenageia Alberto Pucheu e lota a Sala de Cursos do CCJF**

A 2ª edição do projeto *Ocupação Poética* no **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, realizada em 14 de julho, homenageou o poeta, ensaísta, pesquisador e professor da UFRJ Alberto Pucheu. O encontro reuniu um público que lotou a Sala de Cursos, ocupando as 32 cadeiras do espaço.

A homenagem contou com leituras realizadas pelo próprio Alberto Pucheu e pelos convidados Cláudio Oliveira, Caio Meira e Cris Mayrink, que deram voz a poemas de diferentes momentos da trajetória do autor. O repertório percorreu poemas de amor, textos inspirados no *Vale do Socavão*, onde o poeta mantém forte vínculo afetivo, reflexões sobre o próprio fazer poético, além de obras marcadas por questões políticas e pelas experiências da vida nos grandes centros urbanos.

Ao longo da noite, as leituras conduziram o público por diferentes aspectos da produção de Pucheu, em um encontro marcado pela escuta atenta e pela emoção. Como aconteceu na edição anterior do projeto, o homenageado encerrou a programação com a leitura de seus próprios poemas, sendo recebido com calorosos aplausos.

Alberto Pucheu agradeceu a homenagem e destacou o caráter afetivo da iniciativa. "Me senti homenageado mesmo", escreveu o poeta, agradecendo a Paulo Sabino, mediador, poeta e idealizador do encontro, aos participantes e a todos que contribuíram para a realização do encontro.

Para Paulo Sabino, a expressiva presença do público em plena terça-feira à noite confirma o interesse por iniciativas voltadas à literatura e à poesia, além de reforçar a importância de espaços culturais como o CCJF na promoção do acesso à produção poética contemporânea.

O projeto *Ocupação Poética* terá novas edições mensais até o fim do ano. O próximo encontro está previsto para 18 de agosto. Uma boa dica para quem gosta de poesia e agradáveis encontros.





***Rock in Concert* leva clássicos do rock ao palco do CCJF**

No dia 16 de julho, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu o *Rock in Concert*, espetáculo da Orquestra Filarmônica Fluminense (ORFF) que levou ao palco versões sinfônicas de grandes clássicos do rock internacional. O repertório reuniu sucessos de *Queen*, *Iron Maiden*, *Guns N' Roses*, *Nirvana*, *Metallica*, entre outros nomes que marcaram a história do gênero, em uma apresentação que percorreu diferentes momentos dessa trajetória e aproximou a energia do rock da riqueza sonora da música orquestral.

Fiel à essência das obras originais, a ORFF apresentou arranjos que preservaram características marcantes de cada composição. O concerto contou com a participação da cantora Daniela Moreira e regência do maestro Elias Campos, reunindo guitarras, cordas, instrumentos de sopro e teclados em um espetáculo que envolveu o público do início ao fim.

Um dos aspectos que mais chamou a atenção foi o cuidado dedicado à construção dos arranjos. A orquestra buscou manter a estrutura e a tonalidade originais da maior parte das canções, reproduzindo detalhes que ajudaram a preservar a identidade sonora dos clássicos. Entre eles, estiveram o tradicional Talk Box utilizado em músicas do Bon Jovi, como *It's My Life* e *Livin' on a Prayer*, incorporado especialmente para o concerto pelo guitarrista Ícaro Cardoso, além dos sintetizadores de *The Final Countdown*, executados nos teclados de Matheus Barros.

Ao comentar sobre a realização do espetáculo no CCJF, Matheus Barros, diretor de Comunicação da ORFF, ressaltou a parceria entre a orquestra e o Centro Cultural. Ele elogiou o trabalho das equipes técnicas das duas instituições, destacando a dedicação na construção de uma experiência de excelência em áudio e iluminação, além do cuidado na recepção do público, acolhido com conforto e atenção durante toda a apresentação. Segundo Barros, a receptividade e a infraestrutura do CCJF fortalecem o desejo da orquestra de desenvolver novas parcerias e levar outros projetos ao Centro Cultural. Por aqui, ficamos na torcida para que isso aconteça em breve.



*Debate após sessão do dia 14, focado em protagonismo feminino, com presença das diretoras Nanna Facchinello (*Deságua*) e Lia Fortes (*O Último Cigarro de uma Mulher*), Rita Niza, intérprete da protagonista, e Rita Segura, cuja experiência real inspirou a história do curta *Vida de Viúva*.*

Mostra Vem Ver estreia no CCJF com proposta de ampliar o acesso ao curta-metragem brasileiro

Quando foi a última vez que você assistiu a um curta-metragem brasileiro em uma sala de cinema? Foi a partir dessa provocação que a *Mostra Vem Ver* foi impelida a levar o projeto de audiovisual ao **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Em julho, ao longo de quatro sessões gratuitas, realizadas sempre às terças-feiras, a mostra reuniu 12 curtas-metragens brasileiros, seguidos de debates com diretores, atores e outros integrantes das produções envolvidas na mostra, aproximando o público dos processos criativos e dos bastidores do cinema nacional.

Mais do que oferecer uma programação de filmes, o projeto propõe um espaço permanente de exibição para obras que, muitas vezes, encerram sua circulação após o circuito de festivais. A iniciativa busca ampliar o acesso ao curta-metragem brasileiro e formar público para esse formato, criando oportunidades de encontro entre realizadores independentes e espectadores em uma experiência cinematográfica compartilhada.

Um dos diferenciais da mostra está na curadoria das sessões. Em vez de reunir filmes por gênero, cada encontro é organizado em torno de um eixo temático, aproximando narrativas que dialogam entre si, ainda que pertençam a linguagens distintas. Assim, uma mesma sessão pode reunir documentário, animação, ficção científica ou comédia, convidando o público a transitar por diferentes formas de contar histórias. A proposta também desperta descobertas inesperadas: quem chega atraído por um determinado filme pode sair surpreendido por outro, ampliando seu repertório e seu olhar sobre o cinema brasileiro.

A programação de julho percorreu temas como sonhos e desigualdades, protagonismo feminino, identidade, território, memória e resistência. Além das exibições, os debates após as sessões permitiram que o público conhecesse mais de perto os bastidores das produções e conversasse diretamente com seus

realizadores. Entre os destaques do mês esteve a exibição de *Salve Guys!*, que realizou na Vem Ver sua primeira apresentação em uma sala de cinema no Brasil, e da animação *A Tragédia da Lobo-Guará*, vencedora, dias depois, do Prêmio *Grande Otelo de Melhor Curta-Metragem de Animação*.

Ao abrir o Cinema para uma programação contínua dedicada ao curta-metragem brasileiro, com sessões previstas até dezembro, o CCJF fortalece um espaço de valorização do audiovisual nacional e amplia as possibilidades de circulação de produções independentes. Eduardo Segura, o diretor de produção da Mostra Vem Ver, explica que, muitas vezes, a questão está menos na possível falta de interesse do público em curta-metragens e mais na no fato de que as pessoas não tiveram a oportunidade de assisti-los. “A boa participação nas primeiras sessões reforça o potencial da iniciativa de aproximar novas plateias de obras que, muitas vezes, permanecem pouco conhecidas fora do circuito de festivais”, conclui.



No Teatro do CCJF, recital levou o público a uma jornada musical da evolução da ópera

Na tarde de quarta-feira, dia 29, um vento forte e repentino mudou a rotina de quem mora (ou visitava) na cidade do Rio de Janeiro. Por conta disso, muitos locais ficaram sem luz, e consequentemente, sem transporte e internet. Mesmo com a situação inesperada, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, que, felizmente, ficou apenas pouco tempo no escuro, conseguiu receber, no Teatro, os cantores líricos do Theatro Municipal que apresentaram ao público uma jornada musical através da evolução da ópera, interpretando árias dos períodos barroco, clássico e romântico. O concerto *Cantando uma Breve História da Ópera* encantou a plateia ao narrar a história da arte

operística através de suas mais belas páginas — desde a grandiosidade barroca, passando pelo equilíbrio clássico de Mozart e seus contemporâneos, até a expansão emocional do romantismo.

Kamille Távora, mezzo-soprano e organizadora do evento, lembra que o dia da apresentação transbordou em um misto de sentimentos: a dúvida sobre a viabilidade da realização da ópera no CCJF e, ao mesmo tempo, o desejo de fazer dar certo, apesar das circunstâncias alheias a vontade de todos. “O recital foi uma experiência que vou guardar para sempre. Horas antes da apresentação, parecia que tudo conspirava contra nós: falta de luz, paralisação do metrô, ventania... Muitas pessoas não conseguiram chegar e, por alguns minutos, pensei que talvez o melhor fosse cancelar. Mas decidimos seguir em frente”, conta. Segundo ela, no fim, 26 pessoas estiveram presentes e fizeram tudo valer a pena. “Ver a emoção nos rostos, ouvir os depoimentos ao final e perceber que a música ainda tem o poder de tocar profundamente as pessoas me lembrou porque escolhi esse caminho”, frisa.

Os cantores líricos que integram *Cantando uma Breve História da Ópera* — Cíntia Fortunato, Katya Kazzaz, Gabriele de Paula (sopranos), Kamille Távora, Ilem Vargas (tenor), Erick Alves (tenor), Flávio Melo (barítono), Pedro Olivero (baixo), além de Regina Lacerda (piano) e Geórgia Szpilman (narradora) — fazem parte do *Corpo Artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro*. Com diferentes tessituras vocais, o grupo oferece um panorama diversificado do repertório operístico através dos períodos barroco, clássico e romântico. Na apresentação, percebe-se que cada período musical — que traz no repertório Vivaldi, Mozart, Puccini, por exemplo, três dos maiores compositores da história da música clássica ocidental —, revela características únicas: o virtuosismo técnico barroco, a perfeição formal clássica e a potência dramática romântica.

Sobre a importância do CCJF oferecer espaço para música erudita e artistas independentes, a musicista ressalta que iniciativas como essa fortalecem a produção cultural, incentivam os artistas e tornam possível que mais pessoas tenham acesso à música, ao teatro e à arte. “Investir e manter espaços como esse é uma forma de garantir que a cultura continue viva e alcance cada vez mais pessoas” Ela completa: “Saio dessa noite com a certeza de como espaços culturais como o Centro Cultural Justiça Federal são fundamentais para a cena artística. Além de abrirem as portas para que projetos como esse aconteçam, oferecem uma estrutura que faz toda a diferença para quem está no palco”.

Mais do que um recital, *Cantando uma Breve História da Ópera* ofereceu ao público uma experiência educativa e emocional que celebrou a riqueza da tradição operística.





Oficina de Literatura resgata a obra de João Cabral de Melo Neto no CCJF

A 1ª edição da *Oficina Escritores Nordestinos no Rio* reuniu no dia 17 de julho, na Sala de Leitura do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, leitores e admiradores da literatura brasileira para um encontro dedicado à vida e à obra de João Cabral de Melo Neto. Considerado um dos grandes nomes da poesia modernista do século XX, o escritor pernambucano foi o ponto de partida para uma conversa sobre sua trajetória e suas principais obras.

Conduzida por Nilane Soares, a oficina apresentou ao público aspectos da produção literária de João Cabral e promoveu a leitura de dois de seus poemas. A partir dos textos, os participantes puderam conhecer de perto características que marcaram as obras do autor, como o tipo de linguagem, a objetividade e a construção cuidadosa dos versos. A proposta foi tornar esse universo mais acessível, aproximando novos leitores da literatura do poeta.

O encontro também abriu espaço para a criação. Inspirados pelas leituras, os participantes escreveram cartas que, ao final da atividade, foram compartilhadas com o grupo. A dinâmica deu início a uma conversa sobre as diferentes interpretações dos textos e reforçou a literatura como um convite ao diálogo, à reflexão e à troca de experiências.

O interesse despertado pela oficina reuniu pessoas de diferentes perfis, incluindo dois participantes estrangeiros que acompanharam o encontro. A presença deles evidenciou o fato de que a literatura brasileira continua despertando curiosidade e aproximando públicos distintos interessados na nossa cultura.

Para Nilane Soares, realizar a oficina no CCJF tornou a experiência ainda mais especial. "O lugar foi perfeito e quem chegou cedo ainda aproveitou para visitar (as galerias de) exposições", comentou. A idealizadora da oficina também destacou a importância de iniciativas que mantêm viva a memória dos escritores nordestinos, ampliando o contato dos participantes com autores fundamentais da literatura brasileira. Além de apresentar a trajetória de João Cabral de Melo Neto, a oficina reafirmou o valor de preservar e compartilhar o legado de grandes escritores.

Ao unir leitura, escrita e conversa, o encontro aproximou o público de obras literárias que seguem inspirando diferentes gerações e incentivando novos olhares para a literatura brasileira.



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Kleber Lacerda

*A Vitral Cultural deste mês segue com a série **Por dentro do CCJF**. O convidado da vez é Kleber Lacerda, da equipe de montagem do Centro Cultural. Ele conta um pouco sobre sua rotina de trabalho na montagem de eventos, exposições, shows, peças teatrais, em um prédio histórico de 1909, tombado pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que inspira cuidados especiais. Confira a entrevista completa a seguir:*

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher a profissão?

KLEBER LACERDA: Foi algo meio natural. Já trabalhava com mudanças em geral e um amigo, que já trabalhava para a empresa que prestava serviço para o Centro Cultural me indicou para o serviço aqui. Gostei muito do ambiente e fui aprendendo aos poucos o trabalho de montagem de eventos, inclusive exposições. Como é um prédio histórico, precisamos ter um cuidado maior com os pisos, paredes e mobiliário do prédio. Aos poucos, fui aprendendo o valor que há em um local histórico como esse e a preservar esse espaço é muito importante.

VITRAL: Há quanto tempo você trabalha no CCJF e como é trabalhar em um Centro Cultural??

KLEBER: Entrei no CCJF em 2009, há 17 anos. Trabalhar aqui é extremamente agradável, pelo ambiente, o trabalho em si e as pessoas. A cada evento que monto, geralmente aprendo alguma coisa relacionada a arte e cultura. Isso é um privilégio para poucos.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal...

KLEBER: Nesse tempo que passamos na montagem, fico imaginando se os artistas comentam sobre o nosso trabalho. É desafiador fazer uma montagem nas galerias e espaços do CCJF com tantas obras de arte. Precisamos ter muito cuidado para não danificar nada, inclusive as paredes que precisam ser preservadas.

Fico com esse pensamento, mas tendo em mente sempre que oferecemos o nosso melhor no trabalho. Além disso, também temos a oportunidade de participar de visitas mediadas em mostras como a Coleção Ingá: Brasil plural que está atualmente no CCJF e conhecer um pouco da história por trás de cada arte, é enriquecedor.



“Qual foi a última vez que você assistiu à um curta brasileiro?” - Uma análise sobre o consumo de curtas metragens no Brasil

Por Eduardo Segura | diretor de produção da MOSTRA VEM VER

“Talvez o cinema independente brasileiro não seja pequeno. Talvez ele esteja apenas disperso... Distribuir é criar as condições para que exista alguém do outro lado da tela para encontrá-lo.”

Quando foi a última vez que você assistiu um curta metragem? Muito provavelmente a resposta para essa pergunta é “num festival”, “na escola”, ou até outra, que é pior, mas infelizmente bem comum para a grande maioria dos Brasileiros: “nunca assisti”.

O cinema brasileiro é rico, mas pouca gente conhece o Brasil, porque grande parte dele não está na tela. Especialmente quando falamos de curtas metragens.

Um curta-metragem é um filme como qualquer outro. O que muda, essencialmente, é sua duração. E essa diferença de escala faz dele uma importante porta de entrada para diretores, atores, técnicos e realizadores que ainda não têm acesso às estruturas financeiras de um longa.

Mas ‘curta’ não significa barato. Pequenas produções podem chegar a custar fácil cerca de R\$ 20, 30, 40 mil, e anos de trabalho. São realizadores que juntam economias durante muito tempo, só que ao invés de comprar um carro, mobilizam amigos, negociam equipamentos e atravessam noites de pós-produção porque acreditam que aquela história precisa existir, sem nenhuma expectativa de retorno financeiro.

Depois de toda essa odisséia, surge talvez a etapa mais desesperadora: fazer com que alguém assista.

Quando falamos de curtas independentes brasileiros, os festivais ainda são a principal janela estruturada de exibição. E entrar nesse circuito não é simples. Em 2026, festivais nacionais receberam uma média de 5 mil inscrições, às vezes para concorrer a apenas 100 vagas. É uma taxa de aproximadamente 2% para um filme ser selecionado para uma única exibição em uma sala que está longe de ser proporcional ao tamanho da população (200 milhões de brasileiros).

Porém, e se o filme não é selecionado? E se o público não vai ao festival, para que local esse filme chega?

Muitas vezes, ele para a gaveta. Curtas não têm acesso aos mesmos modelos de negociação comercial dos longas, e criar a própria janela também pode custar muito. Locar salas comerciais de cinema é caro. Redes mais conhecidas costumam cobrar R\$ 6 mil por uma locação. Para o realizador que juntou economias durante anos para fazer seu filme, pagar para exibi-lo, o ideal, por vários dias, se torna simplesmente inviável. Assim, muitas obras, invisibilizadas, podem nunca encontrar seu primeiro espectador.

Se hoje os filmes brasileiros com orçamento já enfrentam um cenário difícil ao competir com *blockbusters* estrangeiros no mercado audiovisual do Brasil, já é possível imaginar o que sobra para os curtas, sem orçamento, sem distribuidora, sem poder de pressão.

Não basta que exista formalmente uma sessão se ela não estiver organizada para encontrar uma plateia.

Existem outras janelas: plataformas como a *Cardume*, *Canal Curta!* televisão e, claro, a internet. Mas estar disponível não significa ser visto. Um filme pode estar tecnicamente acessível ao planeta inteiro e, na prática, não chegar a ninguém.

Não fomos educados culturalmente a procurar esse formato da mesma maneira que procuramos uma série ou um longa. Quando pensamos em “ver um filme”, olhamos a programação do cinema. Para uma série, abrimos o *streaming*. Uma novela, ligamos a TV. O curta, frequentemente, fica fora desse imaginário.

Talvez, então, o problema seja maior do que a distribuição. É preciso também criar uma cultura de consumo do curta-metragem. E podemos aprender com o passado. O Brasil já experimentou outro modelo. A chamada *Lei do Curta* estabeleceu a exibição de curtas brasileiros antes de longas estrangeiros e destinava parte da renda das sessões aos realizadores. Com o desmonte dessa estrutura, no início dos anos 1990, esse espaço desapareceu.

Por isso talvez seja importante olhar para casos que furaram a bolha. *Ilha das Flores*, de Jorge Furtado, teve uma trajetória importante em festivais, mas sua vida não terminou ali. O filme chegou a escolas, universidades e sucessivas gerações de espectadores. Muita gente talvez nem saiba em qual festival ele foi premiado, mas lembra de tê-lo assistido em uma sala de aula.

Alguém criou uma nova janela para aquela obra continuar encontrando pessoas. Isso nos dá uma pista. Talvez parte da resposta seja simplesmente: ocupar espaços. Salas de cinema, sim, mas também escolas, universidades, cineclubes, teatros, praças, hotéis e centros culturais. Onde houver uma tela e algumas cadeiras e pessoas dispostas a assistir, pode existir uma janela de exibição.

Mas e se, além de ocupar espaços, pequenos realizadores se conectassem? Um produtor no Rio dificilmente consegue sozinho construir público para seu filme em Salvador. Um realizador de Salvador encontra a mesma dificuldade para chegar ao Rio. Mas se essas pessoas estiverem conectadas, a lógica muda. Os filmes das duas cidades podem encontrar públicos um do outro.

É justamente essa hipótese que começamos a testar com a *Mostra VEM VER*, projeto independente de formação de público criado em 2026 no Centro Cultural Justiça Federal, no Rio de Janeiro. Toda semana, ocupamos uma sala com sessões temáticas de curtas brasileiros, aproximando obras, realizadores e espectadores. Mas a intenção não é simplesmente criar mais uma mostra: é investigar se pequenos pontos de exibição, quando conectados, podem formar um circuito independente de circulação.

Ocupar espaços. Construir público. Fazer os filmes circularem. E encontrar caminhos para que

esse cinema também possa gerar retorno para quem o produz. Não há nada de errado em querer que o cinema independente brasileiro seja sustentável. Uma sessão para 40 pessoas pode parecer pequena. Cem sessões para 40 pessoas já significam quatro mil espectadores.

Talvez o cinema independente brasileiro não seja pequeno. Talvez ele esteja apenas disperso. Porque, no fim das contas, distribuição não é deixar um arquivo disponível em algum lugar. Distribuir é criar as condições para que exista alguém do outro lado da tela para encontrá-lo.

Talvez esteja aí parte da resposta: criar sessões regulares, construir hábito e formar público, semana após semana. E quem sabe, assistir a um curta brasileiro toda semana se torne tão natural quanto qualquer outro hábito cultural.

Todo filme nasce para ser visto pelo público. E está na hora de promover esse encontro.

SOBRE O AUTOR:

Eduardo Segura é ator, roteirista e produtor cultural. É idealizador e diretor de produção/programador da Mostra VEM VER, com apoio Institucional do Centro Cultural Justiça Federal. Escreveu, dirigiu e produziu curtas contemplados pela Lei Paulo Gustavo, SESC Pulsar, entre outras leis e editais. Como roteirista, foi finalista do ROTA LABS VII. Fez parte do curta "IP", assinando direção e atuação, vencendo o prêmio de de "Melhor Direção de Fotografia" e menção honrosa de Lays Bodanski, ex- presidente da SPCine, na categoria "Melhor conjunto da obra" no "Festfilma em casa". É diretor geral e fundador da produtora "República da Banana Entretenimento & Produções Artísticas".

SOBRE A MOSTRA:

A VEM VER é uma mostra contínua de curtas-metragens brasileiros criada em 2026, com sessões semanais gratuitas no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), na Cinelândia, Rio de Janeiro. O projeto atua na formação de público e na criação de novas janelas de circulação para o cinema independente, articulando realizadores e produtores locais para multiplicar sessões em diferentes espaços e cidades.

O projeto é independente e sem patrocínio. Para conhecer a mostra, contribuir ou aderir como parceiro de exibição: mostravemver@gmail.com | mostravemver.com.br

